



O INACREDITÁVEL ENCONTRO DE DEUS COM MARX!

E o cego Assis viu Deus conversar com Marx, tendo Jesus por testemunha

Assis Ângelo ficou cego há oito anos. Teve descolamento na retina nos dois olhos e nada houve na medicina capaz de salvar-lhe a visão. Desde então, vive o desafio de seguir, como cego, a vida que por 61 anos enxergara na plenitude.

Ao longo da carreira, passou pelos mais importantes veículos e cargos do jornalismo. Teve programa de rádio sobre cultura popular, líder de audiência nas noites de sábado. Frequentou e foi frequentado por dezenas de artistas do Brasil. E sua paixão pelo tema levou-o a formar aquele que talvez seja o maior arquivo de cultura popular do País nas mãos de um particular. São mais de 200 mil itens, entre discos (bolachões, LPs, compactos, CDs), partituras, quadros, cordéis, livros, jornais, revistas, esculturas, artesanatos, tudo armazenado no apartamento de pouco mais de 100 m² em que mora, no bairro dos Campos Elíseos, em São Paulo.

Com mente privilegiada e memória inacreditável, Assis tem produzido textos diários para seu blog e conteúdos semanais para a coluna que produz para este Jornalistas&Cia, mostrando preciosidades de seu acervo (e já há uns seis, sete anos, sem nunca falhar). Isso quando não lhe damos algum desafio extra, muitas vezes provocado por ele mesmo,



como foi a magistral entrevista fictícia que fez com **João do Rio**, cujo centenário de morte foi celebrado em junho passado, e que, graças à insistência dele, foi o tema do [especial de J&Cia sobre o Dia da Imprensa](#). É também dele o brilhante texto sobre a história dos negros e da Imprensa Negra no Brasil para outro especial que produzimos, com o [Perfil Racial da Imprensa Brasileira](#), publicado na *Semana da Consciência Negra*, em novembro passado.

Forte pela capacidade e pela intensidade de produção, de conhecimento e experiência, e frágil pela crueldade da cegueira, ele de trabalho não reclama, não foge, não tergiversa. Tudo o que a ele é proposto e que esteja ao seu alcance, não refuga. Faz.

Só que Assis ficou invisível para o mercado, após a cegueira. Poucos dele se lembram. Poucos o procuram para dar trabalho. Quase ninguém, das centenas de amigos que frequentaram regularmente sua casa e seus projetos, hoje o visitam. E é dessa invisibilidade que ele reclama, pois tem cabedal, saúde e energia para conduzir programas de rádio sobre cultura popular, programas de televisão sobre deficiência física, colunas em jornais, revistas ou sites sobre atualidades ou cultura. Mas, qual o quê, quem dele se lembra? Pois J&Cia avisa: Assis está aí, no pedaço, pronto para o que der e vier, louco para trabalhar, com a experiência de quem já foi repórter de polícia, chefe de reportagem, assessor de imprensa, curador de dezenas de projetos culturais e com a capacidade de quem continua a ser poeta, escritor, contador de causos, palestrante, autor de cordéis, entrevistador (e dos bons), entre outras façanhas.

Uma delas – anotem aí, pois ele busca quem o apoie – foi adaptar para cordel e teatro *Os Lusíadas*, de Camões, que em 2022 completará 450 anos de lançamento. Está prontinho. É só enfornar.

Pois bem, a mais recente loucura que propusemos a ele foi conceber um encontro e uma conversa surrealista entre Deus e Marx, para ver até onde poderia chegar sua imaginação, com base em todo o conhecimento que tem da Bíblia, da Antiguidade, do Cristianismo e de Marx. Seria um desdobramento da inusitada entrevista com João do Rio.

Pois foi esse o desafio que ele topou enfrentar, criando este *Inacreditável Encontro de Deus com Marx*, que teve ainda a participação de Jesus Cristo, combinando filosofia, ficção, humor e informação histórica (as ilustrações são do cartunista **Fausto Bergocce***). Um desafio que tem tudo, agora, para virar peça de teatro, quem sabe história em quadrinhos e outros filhotes que o talento de Assis poderá ajudar a concretizar.

Esse é o melhor presente de Natal que o Jornalistas&Cia e o Portal dos Jornalistas podem dar a essa espetacular audiência que há 26 anos nos acompanha. Leiam, compartilhem, comentem, pensem em como usar ainda melhor o talento de Assis Ângelo.

Bom entretenimento!!

Eduardo Ribeiro

* Nascido em Reginópolis (SP), em 1952, **Fausto Bergocce** começou a carreira de cartunista em 1974 no jornal Guarú News (Guarulhos-SP). Em 1976 foi trabalhar em São Paulo, no jornal Última Hora; depois, passou por Folha de S. Paulo, O São Paulo (edição da Cúria Metropolitana), Popular da Tarde, Diário Popular, Diário do Grande ABC, Editora Três e TV Cultura, entre outros. Desde 2004 produz trabalhos e projetos (exposições, palestras, produções gráficas e livros) em seu Estúdio Chinelão e tem atuação muito forte nas redes sociais (Facebook, YouTube e Instagram) com os mais variados estilos gráficos: ilustrações, charges, quadrinhos, pintura e cartuns. É autor de 14 livros e dedica seu tempo livre às artes da xilogravura e da pintura.

Por Assis Ângelo

Para Peter L. Alouche, um brasileiro nascido na terra dos faraós

Sinopse: Inesperada pauta de um editor leva Narrador a uma viagem no tempo. Nela, a pauta é cumprida e estendida a um debate do qual participam Deus, Jesus, Cramunhão e Marx. Os temas abordados são vários: surgimento do Criador, formação do mundo e a história do mundo contada nos Antigo e Novo Testamentos. Marx tenta, mas não consegue, deixar Deus encurralado com suas perguntas. O final é fantástico.



Personagens:

Chico da Garatonha, Biá dos Passarim, Zé Beraba, Fausto, Narrador (Eu), Eduardo, Sissa, dona Cida, Deus, Marx, Engels, Jesus, Cramunhão

Estava eu no jardim, sentado no banco, fazendo coisas.

Coisas simples, referentes à música e à poesia, quando o telefone tocou. Era o Edu Ribeiro, editor da *newsletter* Jornalistas&Cia. Perguntou se eu estava no Brasil ou num canto qualquer da Europa. Respondi que estava na fazenda, em Minas, fugindo do vírus que está pondo em polvorosa a humanidade. Corona.

Eu moro na cidade, no campo.

No campo, quando estou de férias ou cansado das loucuras das grandes cidades. O campo a que me refiro é o pedaço de terra dos meus pais, que já estão no céu.

Respiro os ares da serra do Ouro Preto, Gongo Soco, Mutuca, Cipó, Serra do Espinhaço e Pedra Redonda, ao pé da qual nasce o Jequitinhonha.

Por cá é tudo bom, chove no tempo certo. Quer dizer, mais ou menos. Lugar de floresta é lugar de chuva. Mato chama chuva. Tipo assim, de modo intenso. Mas nada falta.

Como os hebreus, meu pai vivia da terra e dos animais.

Vivo só com Sissa e dona Cida, a mãe da Sissa.

Bem pertinho daqui, numa casinha arejada e bonita, moram Chico da Garantonha e a sua mulher, Biá dos Passarim.

Chico e Biá são pais de Zé Beraba, um moleção que já anda por aí se amostrando, com penugem na cara e falando grosso. Tudo que Beraba quer ser é jornalista, pra ter seus trabalhos ilustrados pelo mano famoso, Fausto. Ai, ai.

O casal cuida daqui quando não estou.

São caseiros.

Dona Cida há muito depende de nós. Já não anda. Tem problemas seriíssimos de saúde. Reumatismo, câncer, essas coisas. E é cega. Os ares daqui lhe fazem bem.

Somos crentes na crença cristã e tementes da força da Natureza.

Foi não foi, ocorrem fatos alheios a nossa vontade. Inexplicáveis. Não que sejamos supersticiosos. Não, não é isso.

Tem vez que a Lua fica tão grande que parece até querer cair e se derreter sobre nós, com toda a sua boniteza.

A Lua nos encanta.



E tem tempo que o Sol quente cega até carcará.

E tem tempo também que o Sol seca riacho, seca rio, seca açude, seca tudo. Até o que não deve secar seca, como alma e boca de sapo. Fica aquele deserto que nos faz tremer a vista.

Dá pena ver calango balançar a cabeça negativamente.

Essa é a parte que dói, porque a parte que não dói é a parte da fartura, das coisas boas do roçado verde e da mesa cheia. Das cachoeiras cantando, dos sapinhos coaxando e os grilos no

seu estrilar intermitente, de estourar tímpanos.

E o que dizer daquela bela enfiada de borboletas coloridas a bater asas no ar?

Tempos de renovação de tudo: das águas, dos ares...

Um amigo meu, Patativa do Assaré, fez um belo poema sobre isso. Chama-se *Festa da Natureza*:

...Canta o sapo na lagoa
O trovão no ar reboa

Com a força desta água nova
O peixe e o sapo na desova
O camaleão que se renova

No verde-cana que cor

Grande cordão de borboletas
Amarelinhas, brancas e pretas
Fazendo tanta pirueta
Com medo do bentivi...

Do outro lado do telefone, Edu foi fazendo o que por aqui a gente chama de "cerca-lourenço". É quando o camarada, manhoso, faz arroteios para chegar no ponto que quer. E eu ouvindo, dando uma de "João sem braço". Essa expressão, como todo mundo sabe, significa dar uma de bobo, ficar aparentemente alheio a uma conversa.

Depois de lhe dizer que estava na fazenda, ele quis saber mais. Quis saber o que eu estava lendo.

Disse-lhe que acabara de devorar uma biografia escrita por Cléffit Ptolomeu intitulada *A Flor da Imprensa*, sobre Eugênia Brandão, nossa primeira repórter – ou reportisa, como queria o colega jornalista Viriato Correa.

Disse-lhe também que estava fazendo uma pesquisa sobre superstição na Idade Média. O 13 sempre foi, pra mim, um número emblemático. Por que os antigos tinham tanto medo desse número? Bom, não sei. Mas quero saber.

Falei-lhe também que estava me inteirando das origens dos saltimbancos, dos trovadores e seus sucessores na Europa e no Oriente Médio.

“Que viagem!”, exclamou Edu.

Pra ilustrar o que lhe dizia, dei de garra na viola e cantei versos que acabara de fazer. Estes:



Eu fiz tipos e prensa pra jornal
Um riozinho que chamei de mar
Para Vasco da Gama navegar
Karl Marx transformei num
autor fenomenal
Pra brilhar no Plantão Nacional
Sou movido por forças colossais
Advindas dos quintais universais
Os Lusíadas escrevi para Camões
E a Vieira eu ditei Os Sermões
O que é que me falta fazer mais
Se o que eu fiz até hoje ninguém
faz?

Eu fiz o Bem para curar o Mal
No céu eu pus estrelas pra
brilhar
E o Papa fiz a mim se confessar
Sou sim simples, modesto e normal
Sou normalíssimo, sou antiformal
Não tenho inimigos, não tenho
rivais
Não temo Netuno nem vendavais
Matei Corisco, matei Lampião
Mande pro inferno os filhos do
Cão
O que é que me falta fazer mais
Se o que eu fiz até hoje ninguém
faz?

Fui às Profundas e lá comi pão
Subi lá no Céu, desci lá no mar
Montei num tridente e sai a voar
Matei muitas bestas no ar e no
chão
Filhas diletas do rei Cramunhão
Num só sopro derrubei temporais
Da casa do Cão eu ouvi muitos
ais
Eu brincando já fiz gato latir
E cachorro miar depois de parir

O que é que me falta fazer mais
Se o que eu fiz até hoje ninguém
faz?

Jesus filho de Deus, o Criador
Foi meu companheiro de jornadas
Desde os tempos das grandes
Cruzadas
Das suas ideias eu fui fiador
E Deus por nós o fez o
Salvador...

"Que coisa incrível, Assis!", ouço a voz espantada do Edu. "Como isso é feito, é de repente?". Quase sempre sim, respondi. E tem técnica e tem forma. Isso que acabei de cantar é chamado de Décimas pelos cantadores. É assim: o 1º verso rima com o 4º e o 5º; o 2º, com o 3º; o 6º, com o 7º e o 10º; e o 8º, com o 9º. Décimas são versos poéticos, com rima na sílaba forte, desenvolvidos em estrofes de dez versos, linhas ou pés. "Puxa...!". Tem mais, explico: é uma modalidade chamada "O que é que me falta fazer mais/Se o que fiz até hoje ninguém faz?". É tipo desafio, um cantador desafiando o outro. A métrica e a rima têm de ser rigorosas e ao fim, engraçadas, cheias de pabulagens. O detalhe é que o último verso (Se o que eu fiz até hoje ninguém faz?) não entra na contagem decassilábica.

Depois de novo espanto, o editor diz que tem uma pauta para mim.

Hmmm... Lá vem coisa, pensei.

Edu conta que a entrevista que fiz com o João do Rio abafou. Fez um sucesso danado. "É uma pauta também muito especial essa que tenho agora pra você".

Não é de hoje que corre notícia de que sou repórter de não negar fogo, de nunca refugar pauta. Pago por isso. Sou explorado por isso, mas fazer o quê?

Pelo bom jornalismo já escalei o Everest, venci o Canal da Mancha na marra e até navio eu desencalei do cais a braço, a braçadas. Sem falar que já peguei até morcego em avião. Aquele tal de Super-Homem dos quadrinhos pra mim é fichinha. Fiz misérias.

Desafios e adrenalina me movem.

Entrevistei Mao Tse-Tung, e Hitler no seu *bunker*. Fiz o mesmo com Stalin e faria com Nero e Genghis Kan se não tivessem fugido de mim. E Lampião, coitado, dei-lhe uma surra e de mim escapou que nem o Cão, da Cruz. Cansado, com o rabo entre as pernas, foi se esconder em Angico, Sergipe, e lá o pegaram. Quem mandou ser frouxo?

Quer dizer: não lhe valeu o corpo fechado que dizia ter.

Agora vem Edu pedindo pra eu executar pauta que tem Deus e Marx como personagens centrais da história que ele imagina que eu posso contar. Topei.

Deixei de lado o estudo que estava fazendo sobre a cultura medieval e fui à procura de Karl Marx.

De Marx eu já ouvira falar. E de Deus, claro.

Peguei minha agenda, mexi daqui, mexi dali e localizei um amigo com quem há muito não tinha contato.

Esse amigo era Balzac.

Balzac foi um escritor de grande importância. Nasceu na França. Foi ele quem me deu o endereço de Marx.

Marx gostava muito dos livros de Balzac, especialmente *A Bretanha*.

Nesse livro, o amigo francês aponta questões polêmicas como dinheiro, usuras e hipocrisias. Essas coisas.

Cheguei ali pelo meio da tarde no endereço que o amigo me dera. Um frio danado. Casa simples, tipo bangalô. Bati à porta e de dentro saiu um homem de estatura média, de ombros largos, cabelos negros, barba carecendo de corte, uns 30 anos. Olhos dominadores, perscrutou-me dos pés à cabeça, perguntando com voz tonitruante: "Quem é você?".

Deixou-me entrar, mas foi logo dizendo: "Não tenho tempo, no máximo uns 15 minutos".

Levou-me à sala, onde estavam um jovem e uma jovem. Ela apresentou-se como Jenny. Muito bonita. E ele, como Friedrich.

Passei os olhos pelo ambiente e localizei estantes onde havia livros de Shakespeare, Goethe, Montaigne, Mallarmé, Baudelaire, Cervantes, Maquiavel e uma Bíblia. Edição antiga, provavelmente saída da prensa de Gutenberg. Chamaram-me a atenção três autores brasileiros: Zé de Alencar, Machado de Assis e o poeta Alphonsus Guimaraes.

Notando minha curiosidade, respondeu sem que eu lhe perguntasse: "Já escrevi contos e poemas, gosto". E acrescentou: "Ando às voltas com um texto a que darei o título de *Manifesto Comunista*". Revelou, atropelando as palavras num inglês arrastado: "Vou revolucionar o mundo com isso".

Tratava-se da tese segundo a qual o mundo seria lindo se o operariado chegasse ao poder. Ao poder total. Ousei perguntar: Isso tem a ver com Socialismo?. E ele: "O Socialismo é um detalhe do Comunismo, entende? Um pedaço. Mas vou explicar isso melhor no tratado que pretendo publicar em breve. Vai se chamar *O Capital*. Vou falar do processo de produção, mais-valia etc. Mais-valia é a exploração do homem pelo homem".

Dito daquele jeito, foi difícil eu entender o que ele queria dizer. Pobre de mim. Levei porrada. Chamou-me de alienado e tal. Mas não liguei.

Retruquei: Se o operário chegar ao poder, ele não será patrão?

Se olhar matasse, eu ali estaria morto, mortinho da silva. "Operário é operário, patrão é patrão". Eu disse: não entendi, estou errado?

Ainda assim, perguntei se ele teria um tempinho, pequeno que fosse, pra participar de um encontro entre eu e Deus. Secamente, disse-me não. E soletrou: "Deus não e-xis-te. Aliás, detesto deuses. Religião é veneno".

Lembrei-me do dramaturgo grego Ésquilo e de Freud.

Achei o alemão enjoado. Pensei: quando crescer vai ficar pior.

Antes de me despedir, ele despediu-se batendo a porta resmungando: “Butocafungal!”. Naquele fim de tarde, deixei Londres debaixo de um nevoeiro intenso. Um frio danado, poucas pessoas nas ruas.

Prefiro o lugar onde estou. Aqui, em Minas.

Lugar bonito, cheio de coisas naturais com Deus sempre presente.

Muitas árvores, muito mato. Tempo de verdor nos prados. E nesse clima, o tempo muda. E só porque falei – ora veja! – o tempo está mudando, escurecendo, ficando noite.

Raios abrem furos na escuridão.

Trovões reboam aos quatro ventos, numa sequência lindamente assustadora, parecendo o fim do mundo.

Urros animalescos misturam-se aos trovões, resultando num pandemônio.

Ventos terríveis uivam como almas penadas, atiram galhos ao ar e derrubam árvores, num barulho ensurdecedor.

Pois, pois, de repente. Assim, do nada, sem explicação.

Coisas do Céu. Ou do Inferno, sei lá!

Num instante, tudo ficou breu.

Telhas ganham asas e se espatifam no chão, com estrondo.

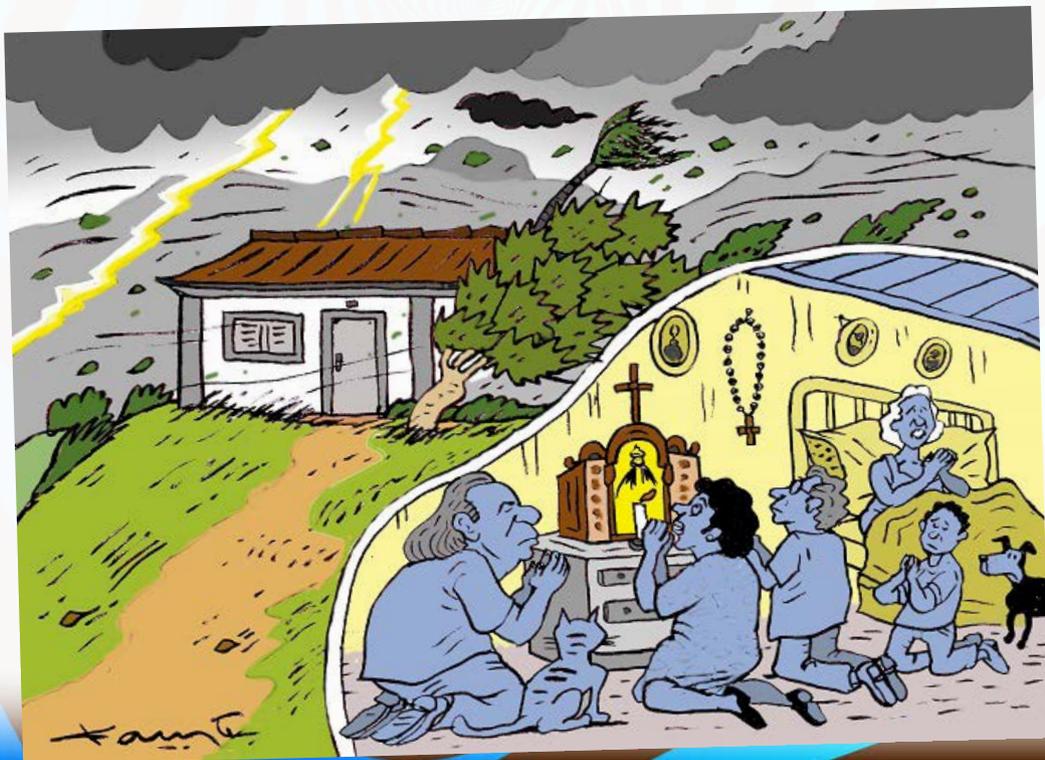
Acendi o lampião, que o vento apagou num piscar d’olhos. Fiquei tonto, com o coração aos pulos. Ensaiei uns passos e caí.

Do quarto, Sissa gritou:

– Meu Deus!

Inexplicavelmente o tempo foi amainando, amainando, até que tudo foi voltando à tranquilidade. De novo, a noite ficou dia.

Sissa abraçou-me, beijou-me, levando-me ao quarto onde se achava dona Cida, gemendo. E ficamos ali. De mãos dadas, rezando.



Enquanto Sissa cuidava da mãe, eu cochilava.
O Sol já entrava pelas frestas, alumando a casa.
A um canto, o gato Bartolomeu aconchegava-se à trêmula Nina.
Nina é uma cachorrinha que só falta falar. E fala, eu acho.
Pássaros lá fora davam sinais de vida, num trinar mágico. Orquestral.
Na cozinha, eu já cuidava do café.
Enquanto eu fazia isso, Sissa colhia ovos, dava milho às galinhas e cantarolava versos de ontem, que aprendeu com a mãe:

*A Natureza é bela
Bela é a Natureza
Deus é grande,
Ele é tudo, Ele é riqueza...*

Em alvoroço, porcos grunhiam querendo também comer.
Da parede, o cuco assanhado anunciava a hora: oito.
Mesa farta: cuscuz de milho, pão de queijo, bolachas de água e sal, café e leite quentinhos.
Frutas à vontade.



Chamei Sissa e ela lá do quintal, disse: "Já vou!".

No momento em que me sentei à mesa, pronto para quebrar o jejum, ouvi toques na porta. Vi-me menino de calças curtas brincando de pés descalços, enquanto uma chuva miúda encharcava-me o corpo. E a minha mãe: "Entra pra dentro, muleque, ocê vai pegar gripe!".

Cresci, estudei. Virei homem, saído do Exército.

À porta, mais toques.

No terceiro toque, levantei-me e fui ver quem estava a tocar. Ora, ora, pensei: Quem será? Será Ele? Se for, tudo bem. Mas tínhamos combinado que nosso encontro seria ali pelo fim da tarde. Hummmmm!!!

"Venho de longe, estou com fome", disse o desconhecido, deixando-me atônito, espantado, mas curioso.

Era simpático.

Cabelos curtos, sem barba, olhos de que não pude identificar a cor.

Eu não conseguia pôr os pensamentos em ordem.

Sua presença desnorteou-me. Seria Ele? Eu não sabia o que dizer, mas disse: Entre, a casa é sua.

O desconhecido sorriu um sorriso encantador.

Camisa branca de mangas curtas, talvez de linho; calças frouxas, também brancas, pés em sandálias, plantou-se à minha frente. Disse: "Obrigado".

Enquanto eu abria a porta notei que ele estava acompanhado de outro. Mais novo. Disse: "Esse é o meu filho".

Tomei um choque!

Pai e filho entraram. Sentaram-se à mesa.

Disse-lhe da minha profissão e papo vem, papo vai, disse-lhe também do meu gosto por assuntos ligados à Astronomia, coisas do Céu. Segredos, mistérios.

Sempre tive curiosidade de saber das coisas do Universo, da vida.

A essa altura já estávamos na biblioteca. Numa mesa simples, quadrada, de leitura.

"Você tem conhecimento dos autores gregos", perguntou-me, enquanto o filho observava-me atentamente.

Respondi-lhe que sim, acrescentando: Platão, Sócrates e Aristóteles marcaram profundamente a minha vida. Homero, Ovídio e Eratóstenes, também.

"Esses foram realmente muito importantes para a humanidade, no campo da filosofia e no campo da literatura. E, claro, no campo da ciência", comentou.

Eu fui tomado de um entusiasmo repentino, indescritível.

Aquele velho sabia das coisas.

Sempre achei que os mais velhos merecem, além de respeito, nossa total atenção. Até porque aprendemos com eles, quando queremos. Platão fala disso. Na *República*. Fala também da beleza que é a velhice, o tempo em que o homem perde a paixão e ganha o conhecimento. Eu suspeitava, mas ainda não tinha certeza, de que aquele homem à minha frente era Ele.

Foi então que me toquei que sequer havia perguntado o seu nome e o nome do seu filho.

Mas ele mostrou saber do meu pensamento e, rindo, suavemente, disse: "Esse que está comigo é Jesus".

Perdi-me, faltou-me chão. Chorei.

Aos poucos, fui-me recuperando. Foi então que tive a certeza de que eu estava falando com Ele. Era Ele e chegou bem antes do combinado.

E fui fazendo perguntas, atabalhoadamente: Quando o sr. nasceu? Onde o sr. nasceu? O sr. teve pai, teve mãe, irmãos...?

DEUS (ainda rindo) – Calma meu filho, calma.

EU – Por aqui costumam perguntar o seguinte: quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha?

DEUS – Entendo o que você quer dizer, meu filho. Eu nasci antes de tudo e de todos. Não havia nada quando eu nasci. Nem galinha, nem galo, nem ovo.

EU – Nas minhas pesquisas, descobri que há uns 14, 15 bilhões de anos deu-se uma grande explosão e foi ali que tudo começou. Os planetas, as galáxias, as estrelas. Esse é o meu interesse pela Astronomia. O Senhor é brasileiro?

DEUS – Eu sou Universal.



EU – Dizem que o Senhor nasceu no Brasil.

DEUS – Os brasileiros são muito afáveis, mas dizem muita besteira. E bebem muita pinga, como outro dia lembrou aquele papa argentino, o Francisco.

EU (rindo) – Nós, brasileiros, bebemos menos que os russos, alemães...

DEUS (suavemente) – Estou brincando, filho.

EU – No seu tempo, existia pinga?

DEUS – Não. Isso é coisa recente, de vocês brasileiros. No meu tempo só havia vinho.

EU – Há um deus do vinho...

DEUS (desconversando) – Vinho faz bem à alma.

JESUS (interferindo) – Sim, faz bem à alma. Uma vez transformei água em vinho numa festa.

EU – O Universo conspira a favor de alguém?

DEUS – Não. Nem contra.

EU – Os judeus acreditam que o mundo surgiu há uns quatro mil anos. E aí?

DEUS – Há coisas e pensamentos que não se podem mudar.

EU – E Jesus?

DEUS – Jesus é uma criança, nasceu muito tempo depois de mim.

JESUS – Num 6 de janeiro, pai. Um sábado.

DEUS – Sim, sim, pelo calendário judaico.

EU – Os calendários existem, historicamente, para ordenar datas. O mais adotado é o Gregoriano, criado em 1582, pelo papa Gregório 13.

DEUS – Os homens inventam calendários para organizar suas vidas.

EU – Quando o papa Gregório fez o calendário que leva seu nome o poeta Camões havia morrido dois anos antes. Sua vida foi marcada pelo calendário Juliano.

JESUS – Há quem diga que eu nasci no dia 25 de dezembro. Essa é uma data criada pelos primeiros que me seguiram.

DEUS – Antes de mais nada, dezembro, no tempo do meu filho, era um mês em que se comemorava a fartura. Havia muitas festas. Todo o mundo se confraternizava. Era uma alegria só.

EU – Eram festas pagãs?

DEUS – Sim, sim.

EU – Aprendi na escola que essas festas eram chamadas de Saturnálias, em homenagem ao deus Saturno. Esse deus matou o pai Urano. Ao matar o pai, seu filho Júpiter o depôs. E, assim feito, Saturno voltou às origens para viver brincando...

DEUS (sorrindo, bondosa e humildemente) – Só há um Deus.

EU – Jesus é filho de Maria e José?

DEUS – Maria não conseguia engravidar. Um dia, apareceu à sua porta uma criança. Um bebê. Foi em Belém.

EU – Mas há quem diga que foi em Nazaré.

DEUS – Em Belém!



EU – Jesus, então, é filho adotivo!?

DEUS (desconversando) – Jesus foi o primeiro filho de Maria. Depois vieram Tiago, Simão e outros.

EU – E Adão e Eva?

DEUS – Adão criei antes de Eva. Mas ela foi cooptada por uma cobra e outra coisa não tive a fazer se não os expulsar do Paraíso para viverem do próprio suor.

EU – E foi assim que começou o trabalho humano?

DEUS – Sim, trabalhar faz bem à saúde.

EU – Todos os poderosos escravizaram o povo, historicamente falando. Está no Êxodo. Por que o povo tem sempre de ser escravizado?

DEUS – A escravidão é um horror.

EU – E por que o Senhor não evita isso?

DEUS – Essa é uma questão que cabe unicamente aos homens resolver.

EU – O senhor não é homem?

DEUS – Os homens foram feitos à minha semelhança, mas cabe a eles resolver os problemas que criam.

EU – E o perdão, o Senhor está sempre pronto para perdoar?

DEUS – Sim.

EU – A Bíblia diz que Adão e Eva tiveram muitos filhos: 56, dos quais 23 mulheres.

DEUS – Sim. E foi a partir daí que o mundo começou a ser povoado.

EU – Hummm... Então quer dizer que o Senhor realmente criou tudo?

DEUS – Sim. Criei tudo o que há no Céu e na Terra.

EU – E o Diabo, o Senhor também o criou?

(De repente, estranhamente, o barbudo Marx aparece e põe na minha mão um pedaço de papel, escrito: "Não diga nada, não me pergunte nada. A curiosidade me trouxe até aqui. Engels está lá embaixo". E sentou-se ao meu lado, atento.)

EU – Aprendi na escola que no Sistema Solar há nove planetas: Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno e Plutão.

DEUS – Existem muitos e muitos milhões de planetas. Bilhões, trilhões de planetas e estrelas. No Universo há tudo, tudo de tudo e muito mais do que possa pensar a mente humana.

EU – O que é a vida?

DEUS – Um eterno desencontro.

EU – Como assim!?

DEUS – Os seres nascem, vivem e se separam, para depois provarem de novo o gosto do encontro. Do reencontro.

EU – É também um enigma?

DEUS – Sim. A vida é também um enigma. É o que há de mais importante no Céu, na Terra e no Mar.

EU – Há vidas miseráveis, sofridas...

MARX (de repente, entrando na conversa) – Esse é o ponto! Há muito



sofrimento. Os miseráveis perambulam em busca de pão e guarida, o tempo todo, em todo canto.

DEUS – Os problemas, de fato, são muitos, na Terra. Problemas esses criados pelos próprios homens e a eles cabe resolvê-los.

EU – A tristeza é o estado mais grave da solidão. E vice-versa. Solidão mata. Tristeza mata.

MARX – A fome também mata. A indiferença também mata. Os mais fortes subjagam os mais fracos, sempre. Por que Deus é tão mau, e não socorre a quem precisa?

EU (tentando mudar de assunto) – Os homens criaram algo muito bonito: a solidariedade.

DEUS – Eu sou a luz...

JESUS – ...o caminho e a fé. Quem crê no meu Pai alcançará a salvação.

DEUS – Criei o Universo, a Natureza e as criaturas. Deixo que a vida os seres a administrem. Não posso interferir em tudo. Não posso e não quero.

MARX – Por que tanta infelicidade?

DEUS – A infelicidade atinge a todos, como a felicidade. Não é possível ser feliz o tempo todo. Nada dura o tempo todo.

MARX – Por que os ricos exploram os pobres, pagando pouco por tanto trabalho?

DEUS – A injustiça faz parte da convivência humana, mas natural seria que houvesse equilíbrio entre todos.

MARX – Essa é uma resposta simplória.

DEUS – Entenda como quiser.

MARX – Há um dito popular segundo o qual “O trabalho dignifica o homem”; eu não concordo.

DEUS – O trabalho é fundamental para a existência de cada um. Sem trabalho não há prazer.

MARX – Trabalho é castigo.

EU – O dinheiro, o metal, o poder, isso tudo sempre foi coisa de grande interesse. De todos. Houve muitos massacres no decorrer da história. Muita violência, muita morte... Quase tudo, ou

MARX – Pois é! Por que tem de ser assim? Por que os fracos são sempre os oprimidos e os poderosos não justificados? Sonho com uma sociedade igual para todos. Por isso acabo de criar o Comunismo, um ideário político que dará poder e voz ao povo eternamente sacrificado.

DEUS – Tomara que dê certo, mas duvido. Se você resolver continuar na sua tese, adote, se quiser, o Pai Nosso como hino. Lá pras tantas, é dito ...“perdoai as nossas dívidas etc.”

MARX – Hummm... Paz, religião e sexo podem ser sinônimos de felicidade?



DEUS – Sim, sem dúvida. Cabe a todos encontrarem o ponto de interseção.

MARX – A Igreja não aceita a homossexualidade e proíbe o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Por quê?

DEUS – A Igreja tem suas leis, suas normas.

EU – O primeiro rei de Israel foi Saul. O segundo, Davi e o terceiro, Salomão. Saul tinha um filho, Jônatas, que amava Davi... E aí?

MARX – Pois é! A homossexualidade sempre existiu, por que negar o óbvio?

DEUS – As pessoas são o que são. Sempre foi assim.

MARX – A Igreja proíbe a homossexualidade.

DEUS – A igreja tem suas leis, suas normas.

EU – Senhor, o que é a morte?

DEUS – A morte é uma porta a que todos terão acesso.

EU – Que mais?

DEUS – A morte é uma experiência individual.

EU – Depois da morte, há vida?

DEUS – Você vai descobrir.

EU – Na Bíblia há mais de 300 referências à palavra amor e 80 e poucas ao ódio.

DEUS – Sim. O amor tem que prevalecer entre as pessoas.

MARX – Depois de lermos o Velho Testamento fica a clara impressão de que o Senhor é machista. O gênero masculino é citado cerca de dez mil vezes e o feminino, pouco mais de 900. Isso não é machismo?

DEUS – Depende do ponto de vista.

EU – De fato, o machismo já imperava naquele tempo. Os homens rezavam:

Bendito seja o Senhor

Bendito seja Deus, Rei do céu

Bendito seja Deus, Rei do universo

agradeço-te por não teres me feito mulher.

MARX – Machismo puro!

EU – É verdade.

MARX – Por que na Bíblia não constam mulheres entre os discípulos de Jesus?

DEUS – Eu não quis interferir na escolha do meu filho.

JESUS – Há uma falha nessa compreensão. Mantive íntima relação com várias mulheres: Rute, Susana... Até minha própria mãe, Maria, seguiu meus passos.



MARX (nervoso) – As mulheres são maltratadas e pouco nominadas, no Velho e no Novo Testamento! São espancadas e assassinadas de todas as formas. Ainda assim, não deu para apagar os nomes de Ana, Miriam, que foi a primeira profetisa da história; Abigail, Rebeca, Raquel, Marta a quem Jesus dizia que amava; e Débora, que foi juíza, guerreira, uma verdadeira heroína de Israel. As mulheres só serviam para servir ao homem?

EU – Nesse ponto, concordo com Marx. E acrescento uma pergunta: Por que as mulheres eram tão violentamente punidas quando sentiam atração por outro homem?

DEUS – Naquele tempo havia muito mais homens do que mulheres.

MARX – A resposta não convence. As mulheres eram apedrejadas em praça pública. E mortas. Um horror! E ninguém fazia nada em favor delas.

JESUS – Eu fiz. Eu salvei Madalena.

MARX – Salvou porque lhe interessava pessoalmente.

EU – Eu gostaria de saber: como era a vida no tempo de Jesus?

DEUS – Conte, meu filho, conte.

JESUS – Eu nasci no tempo em que Augusto era o imperador de Roma. Ele era muito violento. Matou muita gente. Escravizou muita gente. Também foi corrupto e corrompeu. Achava-se dono do mundo. Foi substituído por Tibério.

EU – Os israelitas foram escravizados pelos egípcios?

DEUS – É uma história longa. Está nas Escrituras. Autorizei Moisés a libertar meu povo das garras do Egito e viver em Canaã.

EU – Canaã é a terra prometida. Uma terra fértil, onde jorravam leite e mel. Tinha de tudo, mas era habitada por um povo muito bruto. Quando os hebreus chegaram lá, o pau cantou. Briga, guerra. Muita gente morreu, principalmente os cananeus. Os originários de lá. Por que isso?

DEUS – A vida é de briga, de conquista.

MARX – Se tudo deu certo em Canaã, por que o povo que habita aquela região sofre e briga até hoje?

DEUS – Repito: cabe ao povo administrar sua vida.

EU – A região de Canaã ficava ali onde hoje é Israel, Palestina, um pedaço da Jordânia, Síria, Líbano...

MARX – E tem a Faixa de Gaza. E por lá ninguém se entende. Por que o Senhor não interfere naquela situação de intriga e morte, que já dura tanto tempo?

DEUS – Os homens começam as guerras, os homens terminam as guerras. Isso é lá com eles.

EU – No Antigo Testamento consta que o Senhor era muito violento. Que matou e mandou matar. Sem falar das Cruzadas que deixaram um tenebroso rastro de sangue.



MARX (alterado) – As Cruzadas eram grandes expedições criadas e comandadas pela Igreja. A Igreja sempre esteve no poder. Foi a Igreja que também criou o Santo Ofício. Os papas, muitos deles, engravidaram freiras...

(Discretamente, dou uma cotovelada em Marx.)

DEUS – Naquele livro há muitas metáforas, muitas alegorias. Fora isso, há traduções desse livro que induzem ser eu o que não sou.

MARX – É fácil dizer isso, mas o fato é que o Senhor não é bom. Tanto que deixou existirem os Templários. Os Templários levaram à morte inocentes. Não dá pra esquecer, por exemplo, o caso daquele menino de 12 anos que arregimentou um exército de 30 mil crianças pra seguir os credos da Igreja. E ele, aquele menino, morreu como morreram todos aqueles que o seguiram.

DEUS – Sempre haverá violência, até na hora do fim do mundo.

MARX – O pessoal da Inquisição prendeu e matou Joana d'Arc, a grande guerreira francesa. Depois, arrependida, a Igreja a transformou em santa. Que horror!

EU – Por iniciativa do papa Calisto 3º.

MARX – Iniciativa nada! Foi por ordem do rei Carlos 7º, que não queria o seu nome aliado ao nome de uma herege queimada na fogueira. E tem mais: a Igreja esconde, mas já teve até uma papisa. Chamou-se Joana. Mais uma Joana. Só descobriram que Joana era mulher porque ela abortou numa Procissão.

EU (pigarreando) – O Senhor criou tudo. Criou também as religiões?

DEUS – Os homens criaram as religiões.

JESUS – No meu tempo a crença por meu Pai já era muito grande. Mas já havia quem falasse em Seu nome, sem permissão. Havia muitos falsos profetas.

MARX – As religiões vão se acabar à medida que o Comunismo se firmar no mundo!

EU – Senti firmeza!

MARX – Chegará o dia em que os operários destruirão o imundo mundo capitalista.

EU – Caraca! Na Índia há mais de 300 milhões de divindades. No mundo, há mais de 50 mil religiões, cada qual com seu deus. O Senhor não teme deixar de ser adorado?

DEUS – O Cristianismo é a maior das religiões. Eu sou único. E serei por todos os tempos.

EU – Os deuses...

MARX – Eu odeio deuses!

EU – Ésquilo dizia que só os deuses não pecam. Dizia também que os deuses são infalíveis, poderosos. Todo poderosos.

MARX – Cascata! Política pura! O hinduísmo também é muito forte. Tão forte quanto o islamismo. As religiões são o ópio do povo. Essa é que é a verdade. Pura e simples. Infelizmente.

EU – Jesus é seu único filho, Senhor?

DEUS – Não. Todos os homens e mulheres são meus filhos.

EU – Até Nero?



DEUS (bondosa e suavemente) – Sou o Pai de todos. E é até natural que nem todos trilhem o bom caminho.

MARX – No Antigo Testamento há horrores. Há uma cena que me arrepia. É quando Abraão está decidido a matar o filho Isaac, que teve com uma escrava, só para provar fidelidade ao Senhor. Por quê?

DEUS – As verdades e mentiras aparecem de modos adversos.

MARX – Quer dizer que há mentiras na Bíblia?

DEUS – Não fui eu quem escreveu a Bíblia, foram os escribas. Uns 40.

MARX (quase gritando) – Então está na hora de reescrever essa coisa!

DEUS – Talvez.

MARX – Então o Senhor concorda que há *fake news*?

EU (tentando desviar o assunto) – Os evangelhos eram anunciados como boas novas.

MARX – Eram escritos em papiros, pergaminhos, até onde sei. Espécie de folhetins, como tais publicados nos jornais a partir do Século 19, na França. Mas isso não vem ao caso. O que vem ao caso é o seguinte: o Senhor diz ensinar o bom caminho. Condena e combate adultério, incestos, vícios e assassinatos. Está lá nos Dez Mandamentos: “Não matarás”. E está lá também: “Não cobiçarás a mulher do próximo”. No Antigo Testamento há notícia de que Davi levou à cama a mulher de um general que lhe servia e com ela teve um filho que chamou de Salomão. É verdade?

DEUS – Detalhes. Não li a Bíblia.

MARX – Ah! É? Se é assim, eu vou chamar o Senhor de ateu. No mínimo.

EU – Marx, calma. Você está extrapolando. Isso é apelação. Você mesmo já foi seguidor do cristianismo.

MARX (resmungando) – Hummmmm...

EU – Davi foi um grande rei, músico e poeta. Salomão também. A ele é atribuída a autoria dos provérbios que há na Bíblia.

MARX – Fez belíssimos provérbios, mas não seguiu nenhum deles. É a tal coisa: “Faça o que eu digo, não faça o que eu faço”. Pura hipocrisia! Tem mais: Salomão teve 700 esposas e 300 concubinas. Talvez até mais. Isso é normal?

(Dou mais uma cotovelada no Marx)

JESUS – O mundo sempre foi complexo e complexo continuará. As pessoas têm, por tendência, o costume de não ouvirem os ensinamentos dos mais velhos.

MARX (dirigindo-se a Jesus) – À propósito, você teve, mesmo, um caso com Madalena?

JESUS (fazendo de conta que não ouve) – Foi João quem me anunciou como filho de Deus e foi ele também quem me batizou no Rio Jordão.

MARX – Não foi isso que perguntei. É o seguinte: você teve caso e filhos com Madalena?



EU (desviando o assunto) – Jesus, por que você deixou-se morrer na Cruz?

JESUS – Para salvar o mundo e mostrar aos pecadores que o pecado não é um bom caminho. A sabedoria salva. A crença no meu Pai, também.

EU – Para os hebreus só existia um deus, o Senhor.

MARX – Os judeus não acreditavam na Santíssima Trindade. Quer dizer, não acreditam em Jesus até hoje.

EU – Há controvérsias.

MARX (dirigindo-se a Jesus) – Eu li a Bíblia e nela há muitos erros, mas em todas as versões é possível perceber que você optou pelo suicídio ao se deixar pregar à cruz. Por quê?

JESUS – Meu pai me chamou, por achar que a minha missão na terra fora cumprida.

MARX (De dedo em riste) – Conversa! Você está mentindo, Jesus.

JESUS – Não. Por que mentira?

MARX – E você perdoa como o seu Pai perdoa?

JESUS – Sim.

MARX – Mas ele não perdoou Eva e a expulsou com Adão do Paraíso. E aí, como é que fica?

DEUS (zangado, também de dedo em riste) – Na vida sempre haverá momentos que exigirão grandes decisões.

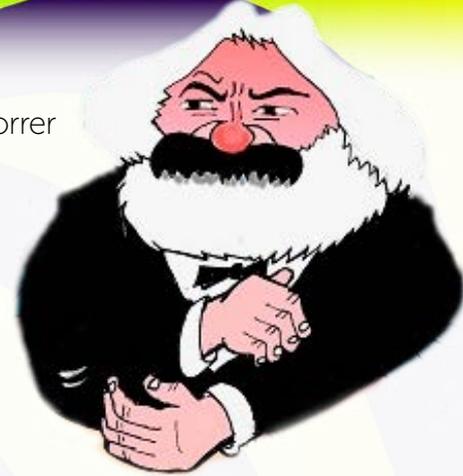
EU – Houve um poeta baiano que brincou com o Senhor. Ele fez isto:

*Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado,
Da vossa alta clemência me despido;
Antes, quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.*

*Se basta a vós irar tanto pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.*

*Se uma ovelha perdida já cobrada,
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na Sacra História:*

*Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada,
Cobrai-a; e não queirais, Pastor Divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.*



JESUS – Gregório de Mattos era poeta e padre brincalhão...

EU – O apelido desse poeta era Boca do Inferno.

JESUS – ... achava graça em tudo. E era crítico, sim. Ele acreditava no meu Pai e seguia o que o meu Pai dizia. Ele não é o que dizem.

EU – A vida é cheia de tragédias e brincadeiras.

MARX – De tragédias e brincadeiras o mundo morre, vai morrendo. Mas uma coisa verdadeiramente deve ser dita, reconheço: o seu julgamento foi injusto.

JESUS – É uma questão de ponto de vista. Fiz o que que fazer.

EU – Aquele julgamento foi tão injusto quanto o julgamento de Sócrates, que foi acusado de subversivo. Aliás, Sócrates tinha por religião a sua literatura. Ao contrário de Aristóteles, que era ateu.

MARX – Isso mesmo. Jesus também foi acusado de subversivo e não se defendeu. Pra mim isso é suicídio e covardia.

EU – A igreja não aceita o suicídio. Os judeus também não.

DEUS – A vida eu dou, a vida eu tiro. Ninguém tem o direito de tirar a própria vida.

EU – O homem é o único animal que se mata. E essa é uma grave questão. Até Cleópatra se suicidou.

MARX – Cleópatra e tantos e tantos. Inclusive o imperador Marco Antônio, com quem ela vivia e teve dois filhos.

EU – Cleópatra foi uma poderosa política. Casou-se com o irmão Ptolomeu e subiu ao trono quando tinha uns 20 anos. Foi forte, mas se deixou picar por uma serpente e morreu.

MARX – Sim, era poderosa. E preferiu a morte a ser presa e humilhada pelo imperador Otaviano.

DEUS – O ser humano é complexo e assim será até o fim dos tempos. Até lá, o Bem e o Mal continuarão a existir. O Mal não presta.

EU – O Diabo tem algo a ver com isso?

CRAMUNHÃO (de repente) – Opa! Alguém aqui falou meu nome? Eu sou o Cara, o Rei do Inferno. Adoro meus irmãos e quem esse aí (apontando para Deus) detesta, eu levo para os meus domínios.

DEUS (num rápido e sutil movimento faz o Diabo sumir) – O que mais você quer saber, meu filho?

EU – O Diabo foi um anjo que se desviou do Bem?

DEUS (sem citar o nome) – Na vida há o Bem e o Mal, o alto e o baixo, o gordo e o magro... O Bem existe para curar o Mal.

EU – No *Auto da Barca*, o português Gil Vicente fala de pecadores que vão para o Inferno e de não pecadores que vão para o Céu. Na *Divina Comédia*, Dante fala do Inferno, do Purgatório e do Paraíso. Machado traz essa temática no conto *A Igreja do Diabo*, em que o Senhor é o grande e vitorioso personagem. Padre Vieira também abordou essa questão. E o baiano Glauber, no filme



Deus e o Diabo na Terra do Sol. Há muitas histórias sobre o Demo. Desde quando ele existe?

DEUS – Desde a Antiguidade que o maligno personagem habita a imaginação dos fracos. Mas foi a partir da Idade Média que ele ganhou expressão e notoriedade. Triste notoriedade.

MARX (sarcástico) – Então o Senhor criou tudo e todos e também criou o Coisa Feia?

DEUS – No rigor, meu filho, o Coisa Feia a que você se refere é uma criação do imaginário popular.

MARX – Como do imaginário, se eu o vi agora há pouco?

DEUS – Essa é uma questão que cabe a você mesmo resolver. Talvez não tenha visto o que afirma ter visto.

EU – E a história dos pactos com o Demo tão recorrentes nos tempos de ontem?

DEUS – Na literatura há referência a tudo, inclusive a tratos com o Medonho.

EU – E na vida real também, né?

DEUS – Sim.

EU – Lembro de muitas histórias que minha avó contava. Ela dizia que os chefes do Cangaço, como Lampião, tinham o corpo fechado. E por isso não morriam, nem a tiros, nem a golpes de faca. Só de morte morrida ou então de bala de prata.

DEUS – São histórias que integram o universo popular.

MARX – Nietzsche disse que o Senhor morreu, que está morto. E aí?

DEUS – Eu não morri. Estou aqui, como se vê.

EU – E Sartre disse que o inferno são os outros. No Livro Sagrado há quase 600 citações ao Céu e apenas 50 ou 60 referências ao Inferno, por quê?

DEUS – Porque sim. O Céu é o lugar dos puros, dos humildes, dos pecadores arrependidos.

MARX – Essa conversa está me deixando entediado, mas ainda assim pergunto: os patrões e ditadores serão varridos da face da Terra?

DEUS – Enquanto existir vida, haverá conflitos. E caberá às pessoas decidirem o que querem.

EU – Quer dizer que a paz será sempre uma utopia?

DEUS – Caberá ao povo decidir o seu destino.

EU – O Novo Testamento começa com Gênesis e termina com Apocalipse. Quando o mundo vai se acabar? Tem data?

DEUS – Pra quem morre, o mundo acaba todo dia.

EU – João, no último livro bíblico, chega a detalhar o fim do mundo. Como será, com explosões?

DEUS – O fim chegará aos poucos, para todos.

(Num passe de mágica, o Diabo ressurge)



CRAMUNHÃO – Esse aí (apontando para Deus) criou Nero, mas eu o transformei num representante meu. E fiz isso muitas vezes. E ainda vou fazer.

Do seio popular alemão vai surgir um ovo, desse ovo uma serpente e dessa serpente (rindo estrepitosamente) vai surgir um cara chamado Hitler. Esse vai matar milhões por mim. Vai acabar com os judeus.

EU – Deus do céu!

CRAMUNHÃO – Você lembra do Mao?

EU – Ele era chinês.

CRAMUNHÃO – Ele foi um fiel representante meu, como Stalin.

Matou milhões e milhões.

EU – Deus do céu!

(Numa explosão, o Diabo desaparece, com estrepitosa gargalhada deixando para trás um forte odor de enxofre)

EU – Jesus voltará à Terra?

JESUS – Sim. E cá estou.

EU – O mundo terá o fim como narrado no Apocalipse, com os cavaleiros de branco, vermelho, preto...?

DEUS – O homem quer ir além de mim. Quer ser maior do que o Criador. Antes do fim haverá muita fome, muita seca, muitas doenças. As pragas se multiplicarão com grande rapidez, enquanto os homens continuarão a matar uns aos outros...

EU – Isso tudo já está ocorrendo!

DEUS (continuando) – Mas do céu cairão asteroides e outras coisas jamais vistas pelo olho humano, destruindo tudo. Muitos planetas explodirão.

EU – O Senhor criou Adão e Eva. Muita coisa aconteceu depois disso. Noé salvou o mundo por ordem do Senhor. Mas uma coisa muito pessoal me faz lhe perguntar: a Ilha dos Amores é uma referência de Camões ao Brasil?

DEUS – Por que essa pergunta, filho?

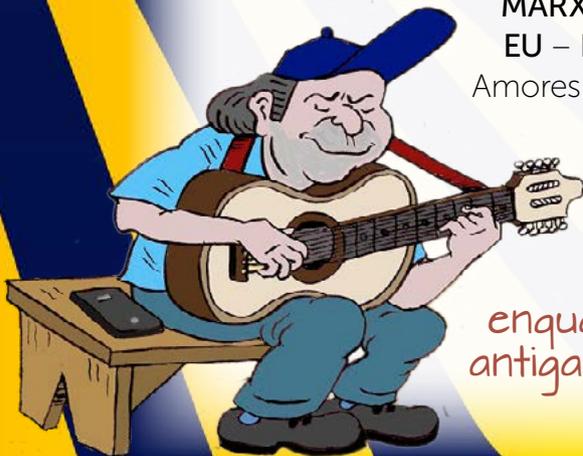
EU – Porque Camões, um dos seus grandes seguidores, escreveu um poema enaltecendo a grandeza dos desbravadores dos mares. E até um livro ele fez, *Os Lusíadas*.

DEUS – Eu sei, filho. É um belo livro.

MARX (murmurando) – Esse aí só lê o que quer, o que interessa...

EU – Lembrando Camões, um dia escrevi algo sobre a Ilha dos Amores. E lá tem um ponto que me inspirou escrever o seguinte:

*Há na Ilha dos Amores
mitos e lendas no ar
e figuras encantadas
dançando à luz do luar
enquanto os ventos cantam
antigas cantigas do Mar...*



DEUS – Gostei.

EU – Então quer dizer que a referência à Ilha dos Amores tem a ver com o Brasil?

DEUS – Sim.

EU – Depois de tudo, depois de tanto tempo e depois de tantas coisas compreensíveis e incompreensíveis, como o Senhor a nós se define?

DEUS – Eu sou onipotente, onipresente. Sou a Fé, a Luz, a Vida. Estou em todo canto.

MARX (sarcástico) – Poxa...

Sissa entrou no quarto e me acordou com um beijo. Pelo braço levou-me à sala para ver uma cena: Chico da Garantonha com sua Biá e os filhos Zé Beraba e Fausto abraçados a Dona Cida, completamente curada. Dos olhos, inclusive. E chorando, rezavam o Pai Nosso.

A um canto, o gato Bartolomeu parecia entender o que estava a se passar.

Aquilo tocou-me profundamente. Intimamente gritei: Viva Deus!

Num relance, pela porta aberta, pude ver sumindo pela direita dois homens: um mais velho e outro mais novo, ao lado de quem seguia abanando o rabo a cachorrinha Nina. Do outro lado, pela esquerda, desapareciam dois homens: um mais novo e outro mais velho,.

À distância, ao som de uma viola, ouvia-se um cantador a cantar curioso refrão:

O que é que me falta fazer mais

*Se o que eu fiz até hoje
ninguém faz...?*

Enquanto isso, uma chavinha fina de flores perfumadas caía sem fazer barulho.

Discretamente, um fotógrafo registrava a comovente cena. O dia era 13, uma sexta.

